

**“CINCOENTA MILHÕES DE ALMAS, TODAS PEDINDO A SALVAÇÃO, A AGUA DA VIDA”: WILLIAM B. BAGBY E O DISCURSO DE CONVENCIMENTO DAS LIDERANÇAS BATISTAS PARA A EXPANSÃO MISSIONÁRIA EM DIREÇÃO AO BRASIL CENTRAL (1926)**

**"FIFTY MILLION SOULS, ALL CALLING FOR SALVATION, THE WATER OF LIFE": WILLIAM B. BAGBY AND THE PERSUASIVE SPEECH OF BAPTIST LEADERS FOR MISSIONARY EXPANSION TOWARD BRAZIL CENTRAL (1926)**

Paulo Julião da Silva\*  
pauloemac@gmail.com

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar o discurso proferido pelo missionário batista norte-americano William B. Bagby, que objetivava convencer as lideranças batistas sobre a proposta de expansão missionária da denominação para o Brasil Central. Para a análise do objeto proposto foram usadas concepções da análise do discurso francesa, bem como as análises dos projetos expansionistas cristãos ao redor do mundo. A pesquisa realizada para a construção do presente texto se deu em arquivos e bibliotecas norte-americanas e brasileiras, durante a realização do doutorado na Universidade Estadual de Campinas. Nesse processo, as documentações e bibliografias encontradas apontaram para uma intenção da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira em expandir suas fronteiras de evangelização para o interior do país. Nesse sentido, acredita-se que o presente texto contribuirá com as análises sobre as propostas de expansões missionárias cristãs na primeira metade do século XX, sobretudo em se tratando dos debates permeados na linha da História Cultural das Religiões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Expansão batista, Brasil, William B. Bagby.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to analyze the speech delivered by the American Baptist missionary William B. Bagby, who aimed to convince the Baptist leaderships about the proposal of missionary expansion of the denomination for Brazil Central. Concepts of the analysis of the French discourse, as well as the analysis of the Christian expansionist projects around the world, were used for the analysis of the proposed object. The research carried out for the construction of this text was done in North American and Brazilian archives and libraries, during the accomplishment of the doctorate in the Universidade Estadual de Campinas. In this process, the documentaries and bibliographies found pointed to an intention of JMN of CBB to expand its frontiers of evangelization to the interior of the country. In this sense, it is believed that the present text will contribute to the analysis of the proposals for Christian missionary expansion in the first half of the twentieth century, especially when dealing with the debates permeated by the Cultural History of Religions.

**KEYWORDS:** Expansion Baptist, Brazil Central, William B. Bagby.

O objetivo deste artigo é analisar o discurso proferido pelo missionário batista norte-americano William B. Bagby que, ao lado do seu conterrâneo, o missionário Lewis Malen

---

\* Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO-2004), Especialização em Ensino de História das Artes e das Religiões pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE-2006), Mestrado em História Social da Cultura Regional pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE-2010) e Doutorado em História Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP-2016). Como parte do doutorado realizou o Estágio de Pesquisa no Exterior (sandwich), como Pesquisador Visitante Júnior na The University of Texas at Austin, entre março e junho de 2013, tendo sido financiado pela FAPESP. É professor de História e Geografia na ESCOLA MONSENHOR ARRUDA CÂMARA (SEDUC-PE); de História da Educação no Brasil, Fundamentos da Educação e Filosofia da Educação I no Centro de Educação da UFPE; e do programa de pós-graduação da Faculdade Europeia de Administração e Marketing (Metodologia do Trabalho Científico, Mundo Contemporâneo e Ética profissional, Sistema Educacional Brasileiro e Gestão das Políticas Públicas em Educação).

Bratcher, objetivava convencer as lideranças batistas sobre sua proposta de expansão missionária para o Brasil Central<sup>1</sup>. Para tais missionários, a referida denominação protestante deveria evangelizar os que ali habitavam, principalmente os indígenas, através de um projeto de “expansão do evangelho” que estava sendo elaborado pela Junta de Missões Nacionais (JMN) da Convenção Batista Brasileira (CBB) nos anos de 1920<sup>2</sup>. A opção da denominação em evangelizar o Brasil Central esteve dentro de um contexto de expansão missionária na América Latina, de incentivos governamentais a migrações internas para as regiões central e norte do país, bem como do interesse do Estado em ampliar as políticas indigenistas através do Serviço de Proteção aos Índios (SPI).

Não serão analisadas aqui as propostas governamentais de expansão das fronteiras econômicas e culturais. Contudo, vale ressaltar que esse contexto influenciou as concepções de Bagby sobre as possibilidades de se ampliar as fronteiras missionárias batistas no Brasil<sup>3</sup>.

#### *William B. Bagby e o discurso de necessidade de salvação do Brasil Central*

Em um discurso proferido nas dependências do Colégio Americano Batista no Recife durante a 15ª Reunião da Convenção Batista Brasileira em 1926, William B. Bagby<sup>4</sup> fez um

<sup>1</sup> Nos anos de 1930, parte do que hoje é denominado Centro-oeste era conhecida como Brasil Central. (GUIMARÃES, 1942).

<sup>2</sup> Vale ressaltar que em 1911, o missionário norte-americano A. B. Deter fundou a Primeira Igreja Batista de Corumbá, no estado do Mato Grosso. Contudo, a fundação da referida igreja não foi obra da JMN, mas de leigos que haviam se convertido e propagado a mensagem protestante na região. Só depois de algum tempo Deter foi convidado a fundar a igreja. Outros missionários, a exemplo de W. B. Sherwood estiveram entre os que trabalharam na região nos anos que se seguiram. Todavia, diferentemente do que aconteceu nos anos 1920, o trabalho foi feito de forma isolada, não teve a devida atenção da JMN, nem objetivava evangelizar os indígenas. (MEIN, 1982).

<sup>3</sup> Desde o final do século XIX o Estado brasileiro passou a mostrar interesse pelo interior do país, bem como pelos que ali habitavam. Estradas eram construídas para facilitar a entrada de novos conquistadores e do poder público. Viajantes oficiais partiam para o interior com o objetivo de fazer o reconhecimento das terras a serem conquistadas. O contato com os povos que ali viviam era inevitável. Grupos indígenas foram encontrados em comunidades isoladas e vivendo de maneira considerada precária (nomadismo, sem roupas, etc.). Nesse caso, surgiu a ideia de garantir a tais grupos uma suposta melhoria na qualidade de vida, assim como civilizar aqueles que de alguma forma ainda não eram civilizados (GUIMARÃES, 2011). Cabe observar que, já em 1911, um ano após a criação do SPI, o missionário Alfredo Reis apresentou-se à JMN como candidato para trabalhar entre os indígenas. A JMN alegou falta de recursos e deu uma resposta negativa ao referido missionário. Contudo continuou acompanhando de perto aquilo que era realizado pelo Estado em relação aos indígenas, sempre divulgando artigos nas páginas do *O Jornal Batista*, afirmando que sonhava em um dia contribuir para a salvação e integração dos nativos na sociedade nacional por meio da evangelização. Conhecedora daquilo que era relatado pelos viajantes e percebendo a oportunidade que havia nos programas estatais de expansão para o interior no contexto em questão, a JMN enviou o missionário L. M. Bratcher em viagem para o interior em 1925, com o objetivo de elaborar estratégias que contribuíssem para a abertura de missões em cidades e povoados do “vasto sertão” (SILVA, 2016).

<sup>4</sup> *William Buck Bagby* nasceu em *Coryell Country, Texas*, no dia 5 de novembro de 1855. Converteu-se ao protestantismo no ano de 1866. Aos vinte anos, formou-se na *Baylor University*, passando a trabalhar como

histórico da sua trajetória de evangelização no país e de como precisou enfrentar “enormes desafios” para que o projeto protestante se tornasse uma realidade em diversos estados brasileiros. Bagby enfatizou sua “grande coragem” ao partir para uma terra distante, da qual não conhecia nada nem ninguém. As dificuldades com um novo clima, nova cultura, nova língua, novo sistema político e novo sistema religioso foram descritas como desafios superados, pois ele e sua esposa Anne L. Bagby tinham a convicção de que o mundo deveria ouvir o “Evangelho Verdadeiro” para que experimentasse a maior das riquezas que os seres humanos poderiam alcançar: a salvação da alma (BAGBY, 1926).

As palavras de William B. Bagby faziam parte de uma retórica discursiva que acompanhou os missionários batistas que vieram para o Brasil em fins do século XIX e na primeira metade do século XX. Para tais, a Pátria precisava do Evangelho e os batistas não podiam fazer pouco caso desse “clamor”. Naquele momento a JMN da CBB havia decidido mudar seu plano de ação missionária para o Brasil. A instituição, que até então havia priorizado seus trabalhos nas grandes cidades, decidira expandir a evangelização para o Brasil Central enviando o missionário L. M. Bratcher<sup>5</sup> para fazer uma viagem de reconhecimento

---

professor de uma escola pública, bem como no pastoreio de uma igreja local. Posteriormente foi convidado a pastorear a Igreja Batista da cidade de *Corsicana, Texas*. Délcio Costa, ao narrar o *chamado missionário* de *William B. Bagby*, bem como de sua referida esposa, *Anne Luther Bagby* descreveu a escolha do casal para vir trabalhar no Brasil como sendo uma convocação sobrenatural. O casal tinha recebido uma proposta para trabalhar na China, mas eles afirmavam ter a convicção de que Deus os queria no Brasil. Essa convicção teria vindo através do General *Hawthorne* que havia morado no Brasil pouco depois da Guerra Civil nos Estados Unidos (1861-1865). Ao voltar para o seu país, o General esteve presente na Reunião da Convenção Batista do Sul “[...] suplicando ansiosamente para que se estabelecesse um trabalho no Brasil”. Sabendo do interesse do jovem *William*, bem como da sua noiva *Anne* em tornarem-se missionários, *Hawthorne* teria procurado *William B. Bagby* em sua residência, na qual “Deus falara pela boca de seu servo”, o local que os dois deveriam partir para pregar o evangelho. Casaram-se, e no dia 12 de janeiro de 1881, já como Missionários da *Junta de Richmond*, embarcaram para o Brasil, tendo chegado ao Rio de Janeiro no dia 02 de março do mesmo ano. Seguiram para a cidade de Santa Bárbara do Oeste e, logo em seguida, mudaram-se para Campinas para aprender a língua portuguesa no Seminário Presbiteriano. Posteriormente partiram para a Bahia onde fundaram a Primeira Igreja Batista do Brasil (As duas citações literais estão na página 14 da mesma obra). COSTA, op. cit., p. 14. Apesar de o casal Bagby ser tido como pioneiro no missionarismo batista no Brasil, há de se ressaltar que em 10 de setembro de 1871 foi inaugurada em Santa Bárbara do Oeste (SP) a Primeira Igreja Batista do Brasil. Contudo, essa igreja não possuía um caráter missionário. Seu objetivo era assistir espiritualmente os confederados que haviam migrado para a região em meados do século XIX. No primeiro domingo de 1879 foi organizada a Igreja Batista da Estação, localizada próxima a estação da linha férrea que ligava Santa Bárbara a Campinas com o mesmo objetivo. No dia da inauguração esteve presente o Imperador Dom Pedro II (ASSUMPÇÃO, 1976).

<sup>5</sup> Lewis Mallen Bratcher nasceu no dia 11 de junho de 1888, em Black Rock, Kentucky, Estados Unidos. Era o nono dos doze filhos que tiveram o casal Galveston e Hettie Bratcher. Estudou em uma escola pública próxima a sua residência, onde aprendeu as primeiras letras. Aos quatorze anos professou publicamente a sua fé tendo sido batizado em uma igreja batista que havia próximo à sua casa. Aos 19 anos matriculou-se no Georgetown Baptist College, onde deu início aos estudos teológicos. O contato feito com o missionário A. B. Deter, que trabalhava no Brasil há algum tempo, o deixou curioso acerca dos projetos que a Junta de Richmond desenvolvia na América do Sul. Em 15 de junho de 1915, casou-se com Artie Amanda Poter e, pouco tempo depois, transferiu-se para

pelos vales dos rios Tocantins e Araguaia no ano anterior. Em parte do relatório da viagem que, lido na Reunião e, posteriormente, publicado por completo em forma de diários nas páginas d'*O Jornal Batista*, Bratcher afirmou que as pessoas que habitavam as regiões distantes do país estavam carentes do “Evangelho de Cristo”, pois viviam em completa situação de abandono e miséria espiritual.

As explanações de Bagby e Bratcher na Reunião da CBB em 1926 estiveram ligadas a um contexto de expansão protestante na América Latina dentro de uma perspectiva global. Desde o final do século XIX, questões de interesses interdenominacionais estavam inquietando as lideranças das principais organizações missionárias internacionais. Em países como China e Índia, por exemplo, muitas pessoas não entendiam as razões de várias correntes cristãs anunciarem a mesma fé e se constituírem em grupos religiosos tão distintos. As diversas denominações e organizações missionárias presentes nesses dois países, em muitos casos, atuavam como rivais por possuírem posições teológicas divergentes (COLBY, 1998). Como afirmar ter o mesmo Deus e seguirem os mesmos textos como referências para suas práticas, se muitos missionários acusavam outras denominações de estarem anunciando um “falso evangelho” (LATOURETTE, 1986)?

Além disso, discussões sobre a forma através das quais as denominações iriam atuar também estiveram entre tais divergências. Para obter maior êxito naquilo que se propunham a fazer, algumas lideranças sugeriram trabalhar em conjunto e abrir campos missionários sem bandeiras denominacionais. Contudo, havia uma dúvida se o trabalho deveria ser de cooperação ou de união. No primeiro caso, uma denominação poderia ajudar um trabalho já existente e, quando esse estivesse consolidado, os grupos se separariam e realizariam seus trabalhos com os membros da sua denominação. No segundo caso, as missões seriam abertas em conjunto desde o início. Nesse sentido, as divergências de interpretações bíblicas deveriam ficar em segundo plano. Contudo, percebeu-se que dificilmente um trabalho realizado dessa forma lograria êxito, pois se pensava que as discordâncias teológicas poderiam

---

Louisville, onde concluiu o seu curso em teologia. Em 1918, Bratcher apresentou-se à Junta de Richmond e foi nomeado missionário para trabalhar no Brasil. A chegada à cidade do Rio de Janeiro ocorreu no dia 05 de fevereiro de 1919. Desde então, o missionário exerceu diversas atividades no país, sendo a principal delas a de Secretário Correspondente da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, cargo que ocupou de 1926 até 1953, ano de sua morte (MATHEWS, 1967).

atrapalhar ações no campo da saúde, da educação e, principalmente, do ensino bíblico (DREHER, 1999).

Seria difícil explicar para as pessoas que estavam sendo evangelizadas tantas interpretações do texto bíblico entre aqueles que anunciavam a mesma fé. Foi proposta a divisão de trabalhos por áreas (educação, saúde, esportes, etc), mas se percebeu que as discordâncias teológicas permaneceriam. Além disso, havia uma discussão sobre quem deveria arcar com os custos das missões de cooperação quando elas estivessem estabelecidas. Lideranças nacionais surgiam e, em muitos casos, as agências só se comprometiam a pagar os salários dos seus respectivos missionários. Pastores, professores, médicos, e trabalhadores nativos das mais diversas áreas chegavam a desistir das missões por não terem condições de permanecer sem ajuda financeira (MORRISON, 1984).

Tentando achar uma solução para tais questões, em 1888, foi realizada em Londres uma modesta Conferência Missionária entre líderes internacionais. Essa primeira reunião contou com a presença de poucos participantes e não trouxe conclusões convincentes para a maioria dos que ali estiveram. Na década de 1890, o Movimento de Estudantes Voluntários para as Missões no Estrangeiro com o lema “evangelizar o mundo nesta geração” afirmava que tinha a obrigação de ganhar o mundo antes da virada do século. Para eles, as diferenças denominacionais não poderiam estar acima dos interesses evangelísticos do protestantismo. Em 1900 aconteceu uma segunda Conferência Missionária na cidade de Nova York. Os mais entusiastas citam mais de cinquenta mil participantes. Na ocasião, a participação de membros da maioria das denominações protestantes existentes no mundo animou os presentes, que passaram a enxergar uma resolução em médio prazo para os problemas enfrentados nas missões. Ficou decidido que outra conferência deveria acontecer do outro lado do Atlântico em no máximo dez anos. No ano de 1907, trinta e sete delegados, entre os quais vinte escoceses, reunidos em Nova York, decidiram que a próxima reunião deveria acontecer na cidade de Edimburgo, capital da Escócia (CAMERON; GRILLO, 2006).

Segundo Paulo Donizéti Siepierski (2015, p. 223),

Essa conferência foi organizada por uma comissão de dezoito membros indicados por sociedades missionárias dos Estados Unidos, da Grã-Bretanha e do Canadá. A comissão nomeou o escocês Joseph Houldsworth Oldham (1847-1969) como seu secretário executivo, estabeleceu três pontos centrais da Conferência – entre eles um que limitava à tarefa missionária realizada entre os povos não-cristãos – e alterou o tema da Conferência que era “The

Evangelization the World in This Generation” para “A Consideration on the Problems Facing Missionary Societies in the Non-Cristian World”.

Nesse sentido, em 1910, cerca de mil e quinhentos delegados das mais diversas nacionalidades se dirigiram para Edimburgo para participar do The World Missionary Conference. Os presentes reiteraram sua preocupação com a situação dos projetos missionários em diversas partes do mundo. Afirmaram que iriam colaborar com o que fosse possível para que as divergências teológicas estivessem em segundo plano quando fossem evangelizar. Uma comissão com dezoito membros foi designada para elaborar o programa e supervisionar o que seria discutido na Conferência. Nenhuma resolução de caráter eclesiástico ou doutrinário poderia vir à tona nos debates; as soluções propostas deveriam estabelecer metas para se resolver os problemas nas missões em curto prazo; e o principal objetivo da Conferência seria debater estratégias de expansão e consolidação das missões existentes entre os povos não cristãos (STANLEY, 2009).

Contudo, mesmo mostrando suposta preocupação com a expansão do protestantismo ao redor do mundo, diversos missionários presentes na Conferência de Edimburgo em 1910 afirmavam que a América Latina não deveria entrar na rota das missões cristãs em nível mundial pelo fato de já ser cristianizada pela Igreja Católica. Esse posicionamento encontrou muitas resistências e, nesse sentido, em 1916, diversas sociedades missionárias, a maior parte delas norte-americanas, se reuniram para discutir os rumos da evangelização da América Latina. Realizou-se, nesse sentido, o Congresso da Obra Cristã na América Latina, que ficou conhecido como Congresso do Panamá, tendo sido organizado pelo Comitê de Cooperação na América Latina (CCAL). As reuniões aconteceram entre 10 e 19 de fevereiro nas dependências do Hotel Tívoli, em Ancon, na Zona do Canal do Panamá<sup>6</sup>. Além

---

<sup>6</sup> Além das conferências citadas (Edimburgo e Panamá), nesse mesmo período foi realizado o Congresso da Obra Cristã na América do Sul (29 de março a 8 de abril de 1925), que foi precedido de duas reuniões regionais sobre missões, realizadas no mesmo ano no Rio de Janeiro (13 a 15 de março) e em Montevideú (26 a 28 de março). Entre 20 a 30 de junho de 1929 foi realizado o Congresso Evangélico Hispano-Americano, em Havana, Cuba, presidido pelo metodista mexicano Gonzalo Abaez-Camargo. Vale ressaltar que os presbiterianos Erasmo Braga, Álvaro Reis e Eduardo Carlos Pereira (esse último presbiteriano independente), foram os únicos líderes evangélicos brasileiros presentes no Congresso do Panamá. Outros missionários que trabalhavam no Brasil, mas que não eram brasileiros também se fizeram presentes: os presbiterianos Samuel R. Gammon e William A. Waddel, e o metodista Hugh C. Tucker. Em 1917 foi criada a Comissão Brasileira de Cooperação (CBC) para servir como elo entre as igrejas nacionais e o CCAL e coordenar os esforços cooperativos no país. No mesmo ano foi Criado o Seminário Unido no Rio de Janeiro, com a colaboração e liderança de delegados das igrejas presbiteriana, presbiteriana independente, congregacional, metodista e da Junta de Missões Estrangeiras de Nova York. Nenhum batista da JMN ou da Junta de Richmond participou das reuniões ou das organizações citadas (MATOS, 2008)

das críticas recorrentes à Igreja Católica, os missionários envolvidos afirmavam que as missões protestantes existentes na região não teriam conseguido maiores conquistas na expansão do protestantismo. A ideia era consolidar os trabalhos existentes e abrir novos campos para a evangelização (PIEDRA; SINCLAIR, 1999).

É importante ressaltar que a Junta de Missões Nacionais não enviou representantes oficiais para o Congresso do Panamá. Apesar de concordarem com a alegação de que a América Latina era uma região dominada por um falso cristianismo, o caráter ecumênico do evento não condizia com aquilo em que acreditavam. Nos congressos acima citados, bem como nas associações e nas missões ecumênicas, quando houve a participação de algum batista, ela se deu de forma independente. Dificilmente a JMN enviava um representante oficial para participar de uma missão que envolvesse outra denominação.

Mesmo assim, os missionários batistas que atuavam no Brasil queriam mostrar que faziam parte de uma denominação que possuía intenções expansionistas e de salvação dos povos que habitavam o sul do continente Americano, como ocorria em diversas partes do mundo com as demais correntes cristãs. Algumas lideranças missionárias internacionais afirmavam que a América Latina não precisava desse esforço, e que os recursos gastos para a evangelização na região deveriam assistir a povos de nações africanas e asiáticas. Contudo, em cartas, periódicos e relatórios divulgados n' *O Jornal Batista* e lidos nas reuniões da CBB, os missionários que trabalhavam no Brasil reiteravam a suposta necessidade de expansão da missão no país afirmando que, por se tratar de uma nação com proporções continentais, muitos brasileiros nunca tinham ouvido nada a respeito da mensagem cristã.

As perspectivas expansionista e universalista do projeto batista para o Brasil apresentada por Bagby e Bratcher, e que estiveram alinhadas aos discursos dos eventos missionários analisados acima, são características que foram construídas ao longo da história nas mais diversas correntes do cristianismo. Segundo Dana L. Robert (2009), desde o seu surgimento, o cristianismo se caracterizou por ser uma religião com tais perspectivas. As variações teológicas e adaptações culturais contribuíram para formar diferentes maneiras de se professar a fé. Crentes de igrejas domésticas na China, católicos no Brasil, apóstolos no Zimbábue, coptas no Egito, luteranos na Alemanha, pentecostais em Gana atestam aquilo que a historiadora afirma ao longo de suas análises. A diversidade cultural e organizacional do

cristianismo o colocou à frente do islamismo, por exemplo, que também procura consolidar-se como universal nas diferentes partes do mundo.

Para Robert (Ibidem), essa expansão foi possível porque o cristianismo se firmou como a religião do “envio”. O “ide” de Jesus Cristo ordenando seus apóstolos a propagarem o evangelho a todos os povos serviu como texto base para missionários das mais diversas correntes cristãs saírem de seus locais de origem para espalhar a mensagem da nova religião em locais distantes e desconhecidos, enfrentando barreiras culturais e políticas em nome daquilo que acreditavam ser a verdadeira fé.

No século XVI, a ideia de cristianizar o mundo encontrou nas Grandes Navegações um importante aliado. Uma das principais ações tomadas pela Igreja Católica foi a de acompanhar os navegadores nas terras que aos poucos iam sendo conquistadas e colonizadas (TOURAUULT, 1996). Para Stephen Neill (1989, p. 459),

[...] é um fato histórico que a expansão do Cristianismo coincidiu com a expansão mundial da Europa pós-renascentista; que as potências colonizadoras foram também potências cristãs; que toda uma vasta gama de relações existiu entre missionários e governos; e que, no principal, o Cristianismo tem sido impulsionado pela vaga de prestígio e poderio ocidental.

Neill afirma ainda que “[...] a Igreja conseguiu projectar-se em todas as direções, com resultados diferentes” (Ibidem, p. 249). Alinhado a reis, navegadores, exploradores independentes e comerciantes dos mais diversos produtos, o catolicismo conseguiu expandir suas práticas a povos das mais diversas partes do mundo. Antecipar-se aos protestantes nessas conquistas, a partir do século XVI, significou, sobretudo, expandir o catolicismo. Isso ajuda a explicar o porquê de todos os países colonizados por Portugal e Espanha nesse contexto possuírem nos princípios católicos uma das bases da formação de suas respectivas culturas. Neill afirma ainda que nos países conquistados pelas potências europeias, “Os nativos [...] estavam em vias de transformar-se numa minoria segregada, e em diminuição” (Ibidem, p. 249), tendo suas culturas sofrido influência, ou mesmo sendo totalmente destruídas pelas diversas denominações cristãs. O mesmo pode ser dito do catolicismo que, assim como as diversas culturas nativas, precisou moldar-se em um processo de circularidade cultural para ser aceito e entendido pelos diversos povos que a Igreja Católica se dispôs a evangelizar.



Nesse mesmo período, o desenvolvimento da imprensa ajudou a popularizar a leitura da Bíblia, principalmente em países que se tornaram protestantes, fazendo com que mais pessoas tivessem interesse em conhecer aquilo que era ensinado em templos e universidades. As Reformas Religiosas também contribuíram para a expansão do cristianismo nesse contexto. Enquanto teólogos como Lutero e Calvino lançavam novas interpretações das Escrituras ganhando adeptos em diversas partes da Europa, a Igreja Católica discutia maneiras de impedir a expansão das ideias desses teólogos que estavam incomodando a instituição (CHARTIER, 1991).

O último quarto do século XVIII foi de fundamental importância para a consolidação das missões cristãs em todo o mundo, sobretudo entre os protestantes. Os missionários, aproveitando o período de expansão capitalista liderados por industriais, comerciantes e políticos partiram da Europa e dos Estados Unidos para conquistar o *mundo para Cristo*. África, Ásia e América Latina foram os principais destinos. Enquanto essas regiões eram dominadas política e/ou economicamente pelas potências europeias, a mensagem cristã era divulgada, sobretudo entre os nativos das diversas regiões que eram conquistadas. Contudo, nem sempre missionários e capitalistas (Estado, comerciantes, industriais, traficantes de escravos, etc.) trabalharam em harmonia. Ideais religiosos ajudaram na luta pelo fim da escravidão, do colonialismo, da exploração e do acúmulo exagerado de capital. Essa ideia, segundo Wilbert R. Shenk vai de encontro ao que geralmente é divulgado a respeito das missões cristãs. Elas teriam sido cúmplices de toda a barbárie cometida ao longo do processo de expansão capitalista, principalmente a partir do século XIX. Shenk não rejeita a ideia de que muitas missões se alinharam em ações e pensamentos a capitalistas, independentes das suas estratégias, como forma de sobrevivência justificando como permissão de Deus os crimes cometidos contra nativos nas mais diversas regiões do mundo. Contudo, afirma que *“Missions released influences that contributed to the subversion and eventual overthrow of colonialism in its many forms”* (SHENK, 2005, p. XII).

A ideia do surgimento do “crente”<sup>7</sup> para tornar-se cristão, principalmente entre batistas e metodistas, também se caracterizou como uma das principais estratégias de

---

<sup>7</sup> O termo crente aqui utilizado é o mesmo trabalhado por Max Weber em *As seitas protestantes e o espírito do capitalismo*. Weber define cristão aquele que nasce numa cultura cristã e vive de acordo com os traços culturais daquela localidade. Assim estariam espalhados protestantes na Holanda e católicos em Portugal, por exemplo. Já o “crente” seria aquele que decidiu por vontade própria ser iniciado naquela nova religião, deixando de lado

estímulos para o missionarismo em diversas partes do mundo. Em teoria, o cristianismo não seria mais uma religião imposta pelo Estado, mas algo que dependesse da escolha individual. Essa concepção teria colaborado para a expansão das missões cristãs em locais que possuíam religiões totalmente diferentes como a Índia e a China. Na expansão imperialista do século XIX, protestantes ingleses, alemães e norte-americanos que pregavam uma conversão ao cristianismo como forma de adesão à nova fé tiveram mais sucesso, principalmente entre as camadas mais pobres dos locais onde tentavam evangelizar. Muitos escravos africanos que migraram para os Estados Unidos nesse período teriam se convertido ao protestantismo por entender que não eram obrigados a tomar tal atitude, mas que tinham a “liberdade” para escolher participar ou não da nova religião (ROBERT, op. cit.).

William B. Bagby conhecia essa perspectiva universalista. Suas convicções expansionistas não estavam desligadas do contexto histórico em que a sua denominação estava inserida. Os batistas, que até meados do século XVIII era uma dentre tantas correntes do protestantismo norte-americano, tornaram-se, no final do século XIX, a maior denominação protestante dos Estados Unidos graças ao missionarismo proselitista adotado nos anos 1800. No Brasil estava ocorrendo algo semelhante. Os batistas foram a última corrente tradicional do protestantismo norte-americano a chegar ao Brasil. Contudo, com um evangelismo agressivo que enfatizava o arrependimento e a conversão individual, nos anos 1930 já eram a maior denominação evangélica que havia no país (LERONARD, 2002). Quando expôs suas aspirações para as lideranças da CBB em 1926, Bagby também estava ciente do forte simbolismo que suas palavras possuíam. Além de ter sido o pioneiro no trabalho batista no Brasil, mostrava toda a sua disposição em tornar a denominação conhecida entre habitantes de todas as regiões, apesar de já estar com setenta e cinco anos de idade naquele momento (BAGBY, op. cit.).

Bagby, assim como os demais presentes na Reunião, reiterava que aquele momento era oportuno para expandir o missionarismo batista para o interior. Em diversos discursos proferidos na Reunião da CBB em 1926, os palestrantes diziam que a JMN não deveria ficar parada frente ao “grande avivamento” que estava acontecendo no país naquele instante. A expansão para terras distantes e desconhecidas não poderia ficar para outra ocasião. Segundo

---

traços culturais e desconstruindo a imagem que possivelmente tinha antes. O crente não apenas necessitaria viver em um país cristão, mas converter-se ao cristianismo, batizar-se e se submeter aos padrões morais comportamentais daquela determinada doutrina (WEBER, 1963).

o professor Carlos Barbosa, docente do colégio Americano Batista em Recife, era possível ver nos trabalhos já existentes (escolas, seminários e igrejas) a confirmação desse “grande avivamento” (BARBOSA, 1926). A resposta dos batistas a tal manifestação deveria ser a consolidação do projeto evangelístico que incluía toda a nação.

Falar em avivamento na Reunião da CBB em 1926, não foi algo fora de contexto. Bagby e Barbosa sabiam da importância da temática quando o assunto em questão era a expansão missionária. A história do protestantismo norte-americano é marcada por “grandes avivamentos”, os quais são tidos como os principais responsáveis pela expansão da fé evangélica, primeiramente nos Estados Unidos e, posteriormente pelo mundo. Esses movimentos teriam começado já com a chegada dos primeiros imigrantes ingleses ainda no século XVII. Alguns desses imigrantes protestantes pregavam um protestantismo de conversão, no qual o indivíduo teria que reconhecer-se como pecador, mostrar arrependimento, e levar uma vida de acordo com os princípios que acreditavam ser divinos. Essa fase inicial da história protestante norte-americana foi marcada por uma intensidade religiosa, uma espécie de contínuo avivamento. Com o passar do tempo, esse fervor espiritual foi diminuindo, e o movimento espiritual puritano foi perdendo força. São apontadas como causa desse esfriamento, a prosperidade econômica e as transformações culturais pelas quais passaram as colônias. As pessoas aos poucos foram perdendo o interesse pela intensidade religiosa dos primeiros puritanos (MATOS, S/D).

Anos mais tarde, com a chegada de calvinistas da Escócia e da Irlanda na colônia de Nova Jersey entre o final do século XVII, e início do século XVIII, o movimento “avivalista” ganhou fôlego novamente. Dentre esses calvinistas destacaram-se Theodore J. Frelinghuysen (1691-1747) e Gilbert Tennent (1703-1764), os quais são tidos como ícones daquilo que ficou conhecido como *O Primeiro Despertamento* (movimento responsável pela expansão evangélica entre as colônias, bem como por um novo despertar espiritual). Porém, foi na Nova Inglaterra que ocorreram os maiores avivamentos dessa primeira fase do *Grande Despertamento* nos Estados Unidos. Dois nomes se destacaram nesse período. O primeiro foi Jonathan Edwards (1703-1758). Edwards, diferente dos primeiros avivalistas norte-americanos, pregava a justificação pela fé, na qual os seres humanos não poderiam fazer nada para alcançarem a salvação; ela só poderia vir através da graça de Deus. Era Ele quem escolhia aqueles que deveriam ser salvos ou condenados (MATTOS, 2006). O segundo foi o pregador

inglês George Whitefield (1714-1770), que em 1740 fez uma turnê evangelística em várias colônias tendo encerrado justamente na Nova Inglaterra. Suas pregações atraíam multidões. Os mais entusiastas falavam em aglomerações de mais de oito mil pessoas dispostas a ouvi-lo (RYLE, 1978). Após uma fase de progresso quase ininterrupto, novamente os avivamentos entraram em declínio, tendo dessa vez como o principal responsável a Revolução Americana, e a consequente Independência no dia 04 de julho de 1776.

Passado o período revolucionário, teve início o *Segundo Despertamento*, por volta de 1800. Esse novo despertar diferenciou-se do primeiro por duas razões. No anterior, os principais responsáveis foram os presbiterianos e congregacionais. Já o segundo atingiu todas as denominações protestantes presentes nos Estados Unidos, especialmente os metodistas e os batistas. Outra diferença entre os dois *Despertamentos* diz respeito à sua teologia. Enquanto que no primeiro a base era calvinista (salvação como escolha exclusiva de Deus) o segundo a base era arminiana (além da Graça de Deus, a salvação necessitava também do arrependimento humano) (MATTOS, op. cit.).

O avivamento espiritual gerado nesse *Segundo Despertamento* é tido como o principal responsável pela expansão missionária protestante norte-americana ao redor do mundo. Foi nesse período que metodistas e batistas se tornaram as maiores denominações evangélicas dos Estados Unidos. No bojo do Destino Manifesto, no qual se propagava que os Estados Unidos seria a nação responsável por evangelizar e civilizar toda a América, batistas e metodistas sentiram-se na “obrigação” de propagar a fé protestante fora do seu país (ALMEIDA, 2001).

Porém, foi no *Terceiro Despertamento*, iniciado no final da década de 1850, que o missionarismo norte-americano ganhou força no Brasil. Principalmente após a Guerra de Secessão (1861-1865), missionários de diversas denominações passaram a mostrar interesse em trabalhar no país por diversas razões. Além da questão espiritual, essa terceira onda de despertar com um tom avivalista teve um forte apelo social. Os protestantes perceberam que a expansão da fé deveria vir acompanhada de uma missão civilizatória. Daí a grande quantidade de escolas, hospitais, orfanatos e asilos construídos nos locais por onde estabeleceram sua fé (AHLSTROM, 1972).

Ao relatar que avivamentos estariam ocorrendo no Brasil no principal encontro de lideranças da denominação do país, os missionários esperavam que seus discursos gerassem

efeitos de sentidos<sup>8</sup> que convencessem os presentes que aquele era o momento de expansão do missionarismo batista para o interior. O discurso de avivamento estava alinhado à proposta de expansão. Os avivamentos foram tidos como os principais responsáveis pela expansão do protestantismo, principalmente no século XIX. Daí as palestras proferidas na Reunião da CBB em 1926 trazerem à tona essa questão.

Outro ponto a ser destacado na fala de William B. Bagby é a participação de sua esposa no trabalho que desenvolvia no Brasil desde o início da década de 1880. Eles se casaram pouco antes de sua partida. A decisão teria sido tomada em conjunto e, a partir daquele momento, Anne L. Bagby teria se tornado a mais importante auxiliadora nos trabalhos que William desenvolvia no país<sup>9</sup>. Trazer à tona a participação da sua família em seu trabalho missionário também não estava dentro de um contexto isolado. Uma das principais diferenças entre o missionarismo protestante e o católico, sobretudo a partir do século XIX, esteve no voluntarismo e na participação familiar do primeiro. Não somente a esposa, mas os filhos do casal ajudaram a consolidar todos os trabalhos que aos poucos iam sendo implantados. No primeiro caso não era necessário separar aquilo que Deus havia unido (dissolução do casamento). Por sua vez, tornar-se missionário (a) ou sacerdote católico era justamente abandonar a ideia de família (OLIVEIRA, 1985).

O voluntarismo também foi algo destacado nas palavras do missionário. O casal havia escolhido o local de trabalho e a metodologia da missão a ser implantada. Na visão das lideranças protestantes que trabalhavam na expansão evangélica na América Latina, enquanto o protestantismo se consolidava como a corrente cristã da liberdade, o catolicismo impunha sua teocracia prisioneira, obrigando aqueles que desejassem trabalhar para a Igreja a aceitarem suas rígidas normas (WOLFFE, 1994).

---

<sup>8</sup> O efeito de sentido é a produção do enunciado. É o que vai ser gerado a partir daquilo que foi dito, ou seja, são os desdobramentos do discurso inicial (FOUCAULT, 1996).

<sup>9</sup> Apesar de ter citado sua esposa apenas como auxiliar nos trabalhos que desenvolvia no Brasil, essa provavelmente não era a realidade da missionária Anne L. Bagby naquele contexto. Eliane Moura da Silva, ao analisar a vida de missionárias norte-americanas que vieram para o país no final do século XIX e início do século XX, mostrou que muitas dessas mulheres desafiavam as configurações familiares da época chegando, em muitos casos, a não contraírem o matrimônio por acreditarem que poderiam desenvolver melhor sua missão. Algumas que iam para o campo como esposas dos missionários trabalharam tanto quanto ou até mais do que os seus respectivos maridos. Muitas, inclusive, foram as principais responsáveis pelo sucesso obtido nas missões desenvolvidas no Brasil nesse contexto (SILVA, E. M., 2012).

Bagby falou ainda que sonhava em ver um dia a América Latina aderindo por completo ao protestantismo. Assim como nos demais trechos analisados, seu “sonho” também esteve diretamente ligado ao contexto em que estava inserido. Conferências internacionais e interdenominacionais debatiam, desde o final do século XIX, os problemas da evangelização mundial. Segundo as lideranças da maioria das agências missionárias, os esforços evangelísticos deveriam se concentrar entre os povos que não conheciam o cristianismo. A América Latina já era cristã e, portanto, países da África e da Ásia mereceriam mais atenção em relação à conversão de suas respectivas populações. As organizações missionárias que trabalhavam entre os latinos reagiram de forma conjunta (Congresso do Panamá, 1916) e de forma individual, a exemplo dos batistas brasileiros. Expandir o missionarismo batista no interior, principalmente entre os indígenas era também uma forma de mostrar que não só o oriente necessitava de evangelização, uma vez que milhares de pessoas na América Latina ainda não conheciam o cristianismo, ou eram seguidores da “versão deturpada” pregada pela Igreja Católica (BAGBY, op. cit.).

William B. Bagby, nas entrelinhas do seu discurso, reiterou esse “compromisso” que os batistas deveriam ter com a evangelização de toda a América Latina. Aquilo que havia sido decidido no Congresso do Panamá precisava, segundo o missionário, ser colocado em prática pelos batistas brasileiros em conjunto com os missionários norte-americanos que aqui estavam. Em um dos trechos do seu discurso na Reunião da CBB em 1926, Bagby relatou para os presentes uma viagem que realizou para o Chile alguns anos antes. Descreveu belezas naturais mostrando seu encanto com as cordilheiras. Contudo, o ponto mais enfatizado no momento em que narrou sua viagem foi em relação ao seu “sonho” em fazer o protestantismo batista conhecido no interior do Brasil, bem como nos países que havia visitado:

Caminhando lá no cimo da Cordilheira, comecei a meditar e tive uma visão maravilhosa. Parece que eu podia ver todo o continente sul-americano; que eu podia ver os grandes pampas da Argentina até Buenos Aires; que eu podia ver as vastas campinas do Uruguai, os cafezais do Brasil, as florestas da Amazonia até as Guianas e Venezuela e Colombia e Equador e Perú e Bolívia. Parece que eu podia vêr assim todo o continente, e seus cinquenta milhões de almas, todas pedindo a salvação, a água da vida. Parece-me que estou vendo esta noite, outra vez, aquella mesma visão (BAGBY, 1926, p. 89, 90).

William B. Bagby procurou elencar seus discursos aos que eram proferidos nos *Congressos* aqui citados sobre o crescimento missionário protestante em âmbito internacional. Mostrando como o cristianismo tinha um caráter expansionista, incentivou

lideranças batistas a investirem na expansão da denominação para o Brasil Central a partir de 1926. O artigo procurou analisar como o referido missionário batista norte-americano conseguiu convencer seus pares a enfrentar tal empreitada. Suas pretensões estiveram alinhadas, também, ao projeto expansionista do governo brasileiro naquele contexto. A criação do SPI em 1910 fazia parte de uma estratégia estatal de aproximação com os indígenas para “civilizá-los” e “incorporá-los” à cultura nacional. Os batistas também estavam cientes de tal processo. Por que não aproveitar aquela situação, mesmo que em seus discursos os evangélicos de então pregassem um afastamento em relação às questões políticas e estatais? Críticas à Igreja Católica, mesmo que indiretamente, também estiveram presentes em suas considerações. A valorização da família, tão caro nos discursos cristãos, principalmente nos círculos protestantes norte-americanos, também pôde ser observada. A vinda para o Brasil com a sua esposa, bem como a participação dos seus filhos nos campos de evangelização não poderia passar despercebido. Todo o levantamento realizado e explorado por Bagby em seu discurso surtiram o efeito desejado por ele.

Nesse sentido, mesmo com recursos humanos e financeiros escassos e optando por trabalhar de forma individual, a denominação não deveria deixar de participar do processo de expansão missionária para o interior. Bagby enfatizava que o continente precisava do protestantismo. “Cincoenta milhões de almas” estariam “pedindo a salvação, a água da vida”. Aquele era o momento de se investir na expansão. Até meados da década de 1920, as grandes cidades estavam recebendo os esforços missionários por parte das JMN e da Junta de Richmond (Organização missionária norte-americana que trouxera o protestantismo batista para o Brasil). Bagby dizia querer unidade dos missionários norte-americanos e brasileiros naquele momento. Os batistas, segundo suas palavras, estavam prontos para consolidar o projeto missionário em todas as regiões. Naquele mesmo ano a JMN enviou o primeiro casal de missionários (Zacharias e Noemi Campello) para trabalhar entre os indígenas das etnias Xerente e Craô, na região de Piabanha (hoje Tocantínia) no então interior do estado de Goiás, parte que hoje pertence ao estado do Tocantins (SILVA, 2016, op. Cit.).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHLSTROM, Sydney E. *A Religious History of the American People*. Londres: Yale University Press, 1972.

ALMEIDA, Vasni de. A Igreja Metodista do Brasil. In.: ALMEIDA, Vasni de; SANTOS, Lyndon Araújo dos; SILVA, Elizete da. *Fiel é a palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2001.

- ASSUMPÇÃO, Xavier. *Pequena história dos batistas no Paraná*. Curitiba: Editora Lítero-Técnica, 1976.
- BAGBY, William B. Discurso Histórico proferido pelo Dr. W. B. Bagby, perante a Convenção Batista Brasileira, reunida no salão nobre o Collegio Americano Baptista do Recife, em noite de 16 de janeiro de 1926. pp. 89-99. In.: SOBRINHO, Munguba (Org). *Atas da Convenção Batista Brasileira de 1926*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1926.
- BARBOSA, Carlos. Collegio e Seminario de Pernambuco, 1906 – 1926: Discurso historico, proferido pelo professor Dr. Carlos Barbosa, na segunda sessão convencional, em 15 de janeiro de 1926. pp. 78-88. In.: SOBRINHO, Munguba (Org). *Atas da Convenção Batista Brasileira de 1926*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1926.
- CAMERON, Ruth Tonkiss; GRILLO, John L. *World Missionary Conference Records, 1910*. In.: Missionary Research Library Archives: Section 12, The Burke Library Archives Union Theological Seminary, New York. Jan. 2006. pp. 1 – 28.
- CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In.: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger. *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- COLBY, Gerard; DENNETT, Charlotte. *Seja feita a vossa vontade: a conquista da Amazônia – Nelson Rockefeller e o evangelismo na idade do petróleo*. Rio de Janeiro: RECORD, 1998.
- DREHER, Martin N. *A Igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo (RS): Editora Sinodal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso – Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GUIMARÃES, Fábio de Macedo Soares. *Divisão regional do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), 1942.
- GUIMARÃES, Heitor Velasco Fernandes. *Os índios na história do Brasil Republicano: o território étnico indígena Paresí e o território estatal- indigenista Utiarity*. Dissertação (Mestrado em História). 190f. 2011. Departamento de História da PUC/RIO, Rio de Janeiro, RJ, 2011.
- LATOURETTE, Kenneth. Ecumenical Bearing of the Missionary Movement and the International Missionary Council. In.: NEILL, Stephen; ROUSE, Ruth. *A History of the Ecumenical Movement*. Londres: SPCK, 1986. Volume I.
- LERONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. 3. ed. São Paulo: ASTE, 2002.
- MATHEWS, Ruth. *O apóstolo do sertão*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967.
- MATOS, Alderi Souza de. *Aviva, Senhor, a tua obra: os grandes despertamentos norte-americanos (S/D)*. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br/7109.98.html>>. Acesso em: 05/07/2015.
- MATOS, Alderi Souza de. *Erasmus Braga, o protestantismo e a sociedade brasileira: perspectivas sobre a missão da igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- MATTOS, Luiz Roberto França de. *Jonathan Edwards e o avivamento brasileiro*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.



MEIN, David (Org). *O que Deus tem feito*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações da Convenção Batista Brasileira, 1982.

MORRISON, Charles Clayton. The Missionary World Conference, 1910. *Christian Century*. Jul. 1984. p. 4 – 11.

NEILL, Stephen. *História das missões*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1989.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho batista no Brasil*. Rio de Janeiro: ERCA, 1985.

PIEDRA, ARTURO; SINCLAIR, John H.. The Dawn of Ecumenism in Latin America: Robert E. Speer, Presbyterians, and the Panama Conference of 1916. *The Journal of Presbyterian History*. Filadélfia (PA), v. 77, n. 1, 1999, pp. 1-11.

ROBERT, Dana L. *Christian Mission: how Christianity became a world religion*. Bognor Regis (RU): Wiley Blackwell, 2009.

RYLE, J. C. *Christian Leaders of 18th. Century*. Edimburgo/Pensilvania: The Banner of Truth Trust, 1978

SHENK, Wilbert R. General Introduction. In.: ROBERT, Dana L. *American woman in mission: a social history of their thought and practice*. Georgia: Mercer University Press, 2005. pp. IX-XIII. p. XII.

SIEPIERSKI, Paulo Donizéti. O movimento missionário protestante, o expansionismo norte-americano no Brasil: dos primórdios ao Congresso do Panamá (1916). *MNEMOSINE REVISTA*. Campina Grande, Paraíba, v. 6, n. 2, abr. –jun. 2015, pp. 208-228.

SILVA, Eliane Moura da. “Os Anjos do Progresso no Brasil”: as missionárias protestantes americanas (1870-1920). *Rever*. São Paulo (São Paulo), n. 1. pp. 101-123, 2012.

SILVA, Paulo Julião da. *Entre a evangelização e a política: a expansão missionária batista para o Brasil Central*. Tese (Doutorado em História). 191f. 2016. Departamento de Pós-graduação em História da UNICAMP/SP. Campinas, SP, 2016.

STANLEY, Braian. *The World Missionary Conference, Edinburgh 1910*. Cambridge (Reino Unido): William B. Eerdmans Publishing Company, 2009.

TOURAULT, Philippe. *História concisa da Igreja*. Mem Martins – Sintra: Publicações Europa América, 1996.

WEBER, Max. As seitas protestantes e o espírito do capitalismo. In: GERTH, H. H. MILLS, Wrigh (Orgs). *Max Weber: ensaios de sociologia*. Rio de Janeiro: ZAHAR EDITORES, 1963.

WOLFFE, John. Anti-Catholicism and Evangelical Identity in Britain and the United States, 1830 – 1860. In.: BEBBINGTON, David W.; NOLL, Mark A.; RAWLYK, Georg A. (orgs). *Evangelicalism: comparative studies of popular Protestantism in North America, the British Isles, and Beyond, 1700 – 1990*. New York: Oxford University Press, 1994.